

## Ferreira Gullar – Poemas

### Agosto 1964

Entre lojas de flores e de sapatos, bares,  
mercados, butiques,  
viajo  
num ônibus Estrada de Ferro-Leblon.  
Volto do trabalho, a noite em meio,  
fatigado de mentiras.

O ônibus sacoleja. Adeus, Rimbaud,  
relógio de lilases, concretismo,  
neoconcretismo, ficções da juventude,  
adeus,  
que a vida  
eu compro à vista aos donos do  
mundo.  
Ao peso dos impostos, o verso sufoca,  
a poesia agora responde a inquérito  
policial-militar.

Digo adeus à ilusão  
mas não ao mundo. Mas não à vida,  
meu reduto e meu reino.  
Do salário injusto,  
da punição injusta,  
da humilhação, da tortura,  
do horror,  
retiramos algo e com ele construímos um  
artefato  
  
um poema  
uma bandeira

### Não há vagas

O preço do feijão  
não cabe no poema. O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão  
O funcionário público  
não cabe no poema  
com seu salário de fome  
sua vida fechada  
em arquivos.  
Como não cabe no poema  
o operário  
que esmerila seu dia de aço  
e carvão  
nas oficinas escuras  
- porque o poema, senhores,  
está fechado:  
“não há vagas”  
Só cabe no poema  
o homem sem estômago  
a mulher de nuvens  
a fruta sem preço  
O poema, senhores,  
não fede  
nem cheira

(Ferreira Gullar: do livro *Dentro da noite  
veloz* )

## **Traduzir-se**

Uma parte de mim  
é todo mundo:  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.  
Uma parte de mim  
é multidão:  
outra parte estranheza  
e solidão.  
Uma parte de mim  
pesa, pondera:  
outra parte  
delira.  
Uma parte de mim  
almoça e janta:  
outra parte  
se espanta.  
Uma parte de mim  
é permanente:  
outra parte  
se sabe de repente.  
Uma parte de mim  
é só vertigem:  
outra parte,  
linguagem.  
Traduzir-se uma parte  
na outra parte  
- que é uma questão  
de vida ou morte -  
será arte?

## **No corpo**

De que vale tentar reconstruir com  
palavras  
O que o verão levou  
Entre nuvens e risos  
Junto com o jornal velho pelos ares  
O sonho na boca, o incêndio na cama,  
o apelo da noite  
Agora são apenas esta  
contração (este clarão)  
do maxilar dentro do rosto.  
A poesia é o presente.  
( Ferreira Gullar )

## **Madrugada**

Do fundo de meu quarto, do fundo  
de meu corpo  
clandestino  
ouço (não vejo) ouço  
crescer no osso e no músculo da noite  
a noite  
a noite ocidental obscenamente acesa  
sobre meu país dividido em classes  
( Ferreira Gullar )

## **Subversiva**

A poesia  
Quando chega  
Não respeita nada.  
Nem pai nem mãe.  
Quando ela chega  
De qualquer de seus abismos  
Desconhece o Estado e a Sociedade Civil  
Infringe o Código de Águas  
Relincha  
Como puta  
Nova  
Em frente ao Palácio da Alvorada.  
E só depois  
Reconsidera: beija  
Nos olhos os que ganham mal  
Embala no colo  
Os que têm sede de felicidade  
E de justiça.  
E promete incendiar o país.

## Poema sujo (trecho)

turvo turvo  
a turva  
mão do sopra  
contra o muro  
escuro  
menos menos  
menos que escuro  
menos que mole e duro menos que fosso e  
muro: menos que furo  
escuro  
mais que escuro:  
claro  
como água? como pluma? claro mais que  
claro claro: coisa alguma  
e tudo  
(ou quase)  
um bicho que o universo fabrica e vem  
sonhando desde as entranhas  
azul  
era o gato  
azul  
era o galo  
azul  
o cavalo  
azul  
teu cu  
tua gengiva igual a tua bocetinha que  
parecia sorrir entre as folhas de  
banana entre os cheiros de flor e bosta de  
porco aberta como  
uma boca do corpo (não como a tua boca  
de palavras) como uma  
entrada para  
eu não sabia tu  
não sabias  
fazer girar a vida  
com seu montão de estrelas e oceano  
entrando-nos em ti  
bela bela  
mais que bela  
mas como era o nome dela?  
Não era Helena nem Vera  
nem Nara nem Gabriela  
nem Tereza nem Maria  
Seu nome seu nome era...  
Perdeu-se na carne fria  
perdeu na confusão de tanta noite e tanto  
dia

perdeu-se na profusão das coisas  
acontecidas  
constelações de alfabeto  
noites escritas a giz  
pastilhas de aniversário  
domingos de futebol  
enterros corsos comícios  
roleta bilhar baralho  
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e  
risos mudou de casa  
e de tempo: mas está comigo está  
perdido comigo  
teu nome  
em alguma gaveta  
Que importa um nome a esta hora do  
anoitecer em São Luís  
do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz  
de febre entre irmãos  
e pais dentro de um enigma?  
mas que importa um nome  
debaixo deste teto de telhas encardidas  
vigas à mostra entre  
cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um  
armário diante de  
garfos e facas e pratos de louças que se  
quebraram já  
um prato de louça ordinária não dura tanto  
e as facas se perdem e os garfos  
se perdem pela vida caem  
pelas falhas do assoalho e vão conviver  
com ratos  
e baratas ou enferrujam no quintal  
esquecidos entre os pés de erva-cidreira  
e as grossas orelhas de hortelã  
quanta coisa se perde  
nesta vida  
Como se perdeu o que eles falavam ali  
mastigando  
misturando feijão com farinha e nacos de  
carne assada  
e diziam coisas tão reais como a toalha  
bordada  
ou a tosse da tia no quarto  
e o clarão do sol morrendo na platibanda  
em frente à nossa  
janela  
tão reais que  
se apagaram para sempre  
Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e  
essa vertigem  
que me arrasta por avenidas e vaginas entre  
cheiros de gás  
e mijo a me consumir como um facho-  
corpo sem chama,  
ou dentro de um ônibus  
ou no bojo de um Boeing 707 acima do  
Atlântico  
acima do arco-íris  
perfeitamente fora  
do rigor cronológico  
sonhando  
Garfos enferrujados facas cegas cadeiras  
furadas mesas gastas  
balcões de quitanda pedras da Rua da  
Alegria beirais de casas  
cobertos de limo muros de musgos  
palavras ditas à mesa do  
jantar,  
voais comigo  
sobre continentes e mares  
E também rastejais comigo  
pelos túneis das noites clandestinas  
sob o céu estrelado do país  
entre fulgor e lepra  
debaixo de lençóis de lama e de terror  
vos esgueirais comigo, mesas velhas,  
armários obsoletos gavetas perfumadas de  
passado,  
dobrais comigo as esquinas do susto  
e esperais esperais  
que o dia venha  
E depois de tanto  
que importa um nome?  
Te cubro de flor, menina, e te dou todos os  
nomes do mundo:  
te chamo aurora  
te chamo água  
te descubro nas pedras coloridas nas  
artistas de cinema  
nas aparições do sonho  
- E esta mulher a tossir dentro de casa!  
Como se não bastasse o pouco dinheiro, a  
lâmpada fraca,  
O perfume ordinário, o amor escasso, as  
goteiras no inverno.  
E as formigas brotando aos milhões negras  
como golfadas de  
dentro da parede (como se aquilo fosse a

essência da casa)  
E todos buscavam  
num sorriso num gesto  
nas conversas da esquina  
no coito em pé na calçada escura do  
Quartel  
no adultério  
no roubo  
a decifração do enigma  
- Que faço entre coisas?  
- De que me defendo?  
Num cofo de quintal na terra preta  
cresciam plantas e rosas  
(como pode o perfume  
nascer assim?)  
Da lama à beira das calçadas, da água dos  
esgotos cresciam  
pés de tomate  
Nos beirais das casas sobre as telhas  
cresciam capins  
mais verdes que a esperança  
(ou o fogo  
de teus olhos)  
Era a vida a explodir por todas as fendas da  
cidade  
sob as sombras da guerra:  
a gestapo a wehrmacht a raf a feb a  
blitzkrieg  
catalinas torpedeamentos a quinta-coulna  
os fascistas os nazistas os  
comunistas o repórter Esso a discussão na  
quitanda a querosene o  
sabão de andiroba o mercado negro o  
acionamento oblackout as  
montanhas de metais velhos o italiano  
assassinado na Praça João  
Lisboa o cheiro de pólvora os canhões  
alemães troando nas noites de  
tempestade por cima da nossa casa.  
Stalingrado resiste.  
Por meu pai que contrabandeava cigarros,  
por meu primo que passava  
rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada  
de Ferro, por seu Neco  
que fazia charutos ordinários, pelo  
sargento Gonzaga que tomava  
tiquira com mel de abelha e trepava com a  
janela aberta,  
pelo meu carneiro manso  
por minha cidade azul

pelo Brasil salve salve,  
Stalingrado resiste.  
A cada nova manhã  
nas janelas nas esquinas nas manchetes dos  
jornais  
Mas a poesia não existia ainda.  
Plantas. Bichos, Cheiros. Roupas.  
Olhos. Braços. Seios. Bocas.  
Vidraça verde, jasmim.  
Bicicleta no domingo.  
Papagaios de papel.  
Retreta na praça.  
Luto.  
Homem morto no mercado  
sangue humano nos legumes.  
Mundo sem voz, coisa opaca.  
Nem Bilac nem Raimundo. Tuba de alto  
clangor, lira singela?  
Nem tuba nem lira grega. Soube depois:  
fala humana, voz de  
gente, barulho escuro do corpo,  
intercortado de relâmpagos  
Do corpo. Mas que é o corpo?  
Meu corpo feito de carne e de osso.  
Esse osso que não vejo, maxilares, costelas  
flexível armação que me sustenta no  
espaço  
que não me deixa desabar como um saco  
vazio  
que guarda as vísceras todas  
funcionando  
como retortas e tubos  
fazendo o sangue que faz a carne e o  
pensamento  
e as palavras  
e as mentiras  
e os carinhos mais doces mais sacanas  
mais sentidos  
para explodir uma galáxia  
de leite  
no centro de tuas coxas no fundo  
de tua noite ávida  
cheiros de umbigo e de vagina  
graves cheiros indecifráveis  
como símbolos  
do corpo  
do teu corpo do meu corpo  
corpo  
que pode um sabre rasgar  
um caco de vidro

uma navalha  
meu corpo cheio de sangue  
que o irriga como a um continente  
ou um jardim  
circulando por meus braços  
por meus dedos  
enquanto discuto caminho  
lembro relembro  
meu sangue feito de gases que aspiro  
dos céus da cidade estrangeira  
com a ajuda dos plátanos  
e que pode – por um descuido – esvair-se  
por meu  
pulso  
aberto  
Meu corpo  
que deitado na cama vejo  
como um objeto no espaço  
que mede 1,70m  
e que sou eu: essa coisa deitada  
barriga pernas e pés  
com cinco dedos cada um (por que  
não seis?)  
joelhos e tornozelos  
para mover-se  
sentar-se  
levantar-se  
meu corpo de 1,70m que é meu tamanho  
no mundo  
meu corpo feito de água  
e cinza  
que me faz olhar Andrômeda, Sírius,  
Mercúrio  
e me sentir misturado  
a toda essa massa de hidrogênio e hélio  
que se desintegra e reintegra  
sem se saber pra quê  
Corpo meu corpo corpo  
que tem um nariz assim uma boca  
dois olhos  
e um certo jeito de sorrir  
de falar  
que minha mãe identifica como sendo de  
seu filho  
que meu filho identifica  
como sendo de seu pai  
corpo que se pára de funcionar provoca  
um grave acontecimento na família:  
sem ele não há José Ribamar Ferreira  
não há Ferreira Gullar

e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta  
estarão esquecidas para sempre  
corpo-facho corpo-fátuocorpo-fato  
atravessados de cheiros de galinheiros e rato  
na quitanda ninho de rato  
cocô de gato  
sal azinhavre sapato  
brilhantina anel barato  
língua no cu na boceta cavalo-de-crista chato  
nos pentelhos  
com meu corpo-falo  
insondável incompreendido  
meu cão doméstico meu dono  
cheio de flor e de sono  
meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio  
de tudo como um monturo  
de trapos sujos latas velhas colchões  
usados sinfonias  
sambas e frevos azuis  
de Fra Angelico verdes  
de Cézanne  
matéria-sonho de Volpi  
Mas sobretudo meu  
corpo  
nordestino  
Mais que isso  
maranhense  
mais que isso  
sanluisense  
mais que isso  
ferreirense  
newtoniense  
alziense  
meu corpo nascido numa porta-e-janela da  
Rua dos Prazeres  
ao lado de uma padaria sob o signo de  
Virgo  
sob as balas do 24° BC  
na revolução de 30  
e que desde então segue pulsando como  
um relógio  
num tic tac que não se ouve  
(senão quando se cola o ouvido à altura do  
meu coração)  
tic tac tic tac  
enquanto vou entre automóveis e ônibus

entre vitrinas de roupas  
nas livrarias  
nos bares  
tic tac tic tac  
pulsando há 45 anos  
esse coração oculto  
pulsando no meio da noite, da neve, da  
chuva  
debaixo da capa, do paletó, da camisa  
debaixo da pele, da carne,  
combatente clandestino aliado da classe  
operária  
meu coração de menino (...)

**Ferreira Gullar**

Do livro: "Toda poesia - 1950-1980",  
Civilização Brasileira, 1980, RJ